

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

LAVOURA ARCAICA: UMA COLHEITA DE IMAGENS BÍBLICAS

PAULO DUARTE RODRIGUES

**PORTO ALEGRE
2010**

PAULO DUARTE RODRIGUES

LAVOURA ARCAICA: UMA COLHEITA DE IMAGENS BÍBLICAS

Trabalho de conclusão que será apresentado à banca examinadora do Instituto de Letras da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência para a obtenção da Licenciatura em Letras – Português e Literatura Portuguesa, sob orientação do Prof^o. Dr. Antonio Marcos Vieira Sanseverino.

Porto Alegre

2010

AGRADECIMENTOS

Como as primícias devem ser entregues a Deus, é a ele que agradeço em primeiro lugar, por ter me dado forças suficientes para chegar até aqui. Quando em meio às tentações de desistir, ele enviou seus anjos para que me sustentassem pelas mãos e não me deixassem cair. São a estes anjos que também quero agradecer:

Aos anjos Valdirene, Lucas e Rafael, querida esposa e filhos, que suportaram muitos finais de semana em casa para que eu não parasse no meio do caminho.

Ao anjo professor Dr. Antonio Marcos Vieira Sanseverino, que despertou, através de suas magníficas aulas, minha atenção à obra de Nassar. Tê-lo como orientador foi um sonho realizado. Reforço, então, meu agradecimento, pois é um mestre dedicado, que sabe manejar muito bem sua ferramenta de trabalho – a Literatura.

Aos anjos mestres da URFGS, que plantaram em minha vida uma sementinha chamada “amor à literatura”, entre eles alguns não mais presentes: Elisabete Peiruque, André Rollo e, *in memoriam*, Sérgio Luís Fischer.

A todos os meus familiares e amigos anjos, que me deram pelo menos uma palavra de ânimo em meio à caminhada.

A meu pai, *in memoriam*,
Que sempre me mostrou o bom caminho.

À minha mãe, irmãos e irmãs,
Que sempre acreditaram em mim.

À minha esposa e filhos,
presentes de Deus e razão de minha vida.

A Deus,
Fonte de amor inesgotável .

O homem se alegra em responder bem, e
quão boa é a palavra dita a seu tempo!

(Provérbios 15.23)

Sumário

INTRODUÇÃO	6
1 LAVOURA ARCAICA E A BÍBLIA: MUITA COISA EM COMUM	9
2 A PEQUENA COLHEITA DE IMAGENS BÍBLICAS	13
2.1 Os nomes: Influência no destino	13
2.2 O néctar dos deuses	15
2.3 Os profetas dos ais.....	17
2.4 As sementinhas que não vingaram.....	18
3 A GRANDE COLHEITA DE IMAGENS BÍBLICAS	21
3.1 A Parábola do Filho Pródigo.....	21
3.2 Os olhos tenebrosos.....	29
3.3 O tempo salomônico.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Se fôssemos verificar o que há de comum entre alguns escritores como Machado de Assis, Murilo Rubião, José Saramago - só para citar alguns - e aquele que é objeto deste trabalho, Raduan Nassar, certamente os leitores mais experientes diriam que um dos pontos que os aproxima é a intertextualidade bíblica.

Em Machado de Assis é de se esperar que ele trouxesse para o universo da literatura parte de sua erudição. Como prova disso, ele viaja pelo universo da mitologia grega, da romana e da cristã. Mesmo assim, quando usa a literatura cristã (para ser mais exato, a *Bíblia*) não é tão profunda a conexão que ele faz com o texto sagrado, citando aqui e acolá alguns personagens que servem como parte de seu acervo de metáforas.

Murilo Rubião usa versículos bíblicos em suas epígrafes a fim de desenvolver seu enredo, às vezes conscientemente; outras, não, como ele mesmo responde em entrevista com Elisabeth Lowe (2004) à seguinte pergunta: “Por que a sua insistência nas epígrafes bíblicas?”

O meu mundo de ficção está muito relacionado com a *Bíblia*. Eu escrevo um conto sem pensar na epígrafe. Quando chego ao seu final eu vou à *Bíblia* e acho-a lá, exatamente. Às vezes, pensando em fazer determinado conto, encontro imediatamente a epígrafe correspondente na *Bíblia*. Isso se deve à leitura excessiva, ou à releitura. Eu jamais sei se o meu conto começa ou acaba na epígrafe.

José Saramago tem abrilhantado seus romances com conteúdo bíblico. Tem, porém, outro viés. Usa-o como argumentos para defender sua crença no ateísmo, para desconstruir a história e para criticar de forma refinada aqueles que se lançam, sem o necessário escrutínio da razão, à crença no transcendental.

Estes e outros escritores usam a *Bíblia* em suas obras, mas nem todos conseguiram trazer tantas imagens para a página de seus livros quanto Nassar. Podemos viajar com ele do Gênesis ao Apocalipse; ir da prosa à prosa poética; recitar seus versos como se tivéssemos nos lábios os Salmos de Davi; escutar no silêncio da leitura o personagem André cortejando Anatália como Salomão cortejara Sulamita no livro de Cantares. Não há como negar que podemos fazer uma boa colheita de leituras em *Lavoura Arcaica*.

Fascinação, encanto e prazer é o tudo o que nos reserva a leitura de *Lavoura Arcaica*. O romance tem o poder de deixar o leitor mais humilde, pois certamente este não terá coragem de dizer que tem certeza do que aconteceu nas páginas nassarianas. A única certeza que

podemos ter é que a *Bíblia* está presente nesta obra, na qual o autor soube aproveitar o que ela tem de melhor. E da mesma forma que o *Livro Santo* nos atrai a atenção, fazendo-nos ler e reler suas páginas – e em cada leitura novos sentidos são produzidos – assim também é *Lavoura Arcaica*.

Sabemos que a tarefa a que nos propusemos fazer não é muito fácil, pois as inúmeras leituras que a crítica tem feito de *Lavoura Arcaica*, nos mostra quão rica a obra é. Nunca será saturada. O início foi de medo, afinal Nassar não tem tanta fortuna crítica à disposição nos meios universitários. Duas grandes obras nos deixaram com mais temor ainda, visto que trabalharam de maneira esplêndida o mesmo diálogo entre as duas literaturas que escolhemos. Sedlmayer (1997) e Rodrigues (2006) incursionaram também pela *Bíblia*, deixaram apenas restolhos para novos aventureiros. Conseguimos muitos artigos na *internet*, muitos entre eles excelentes. Como o nosso foco estava na relação *Lavoura Arcaica/Bíblia*, procuramos aproveitar aquilo que se encaixava na proposta que abraçamos. Salientamos que tudo foi aproveitado de uma maneira ou outra, ora nos mostrando caminhos que não imaginávamos percorrer ora nos mostrando caminhos que não devíamos trilhar.

No primeiro capítulo procuraremos apresentar uma breve descrição da *Bíblia* quanto à sua composição e linguagem, mostrando a possibilidade de diálogo entre este livro e *Lavoura Arcaica*. A partir disso começaremos a preparar o caminho para as inúmeras comparações entre o romance e o *Livro Sagrado*.

O segundo capítulo tratará da pequena colheita. Isto se refere às imagens que percebemos enriquecer o texto; não são, entretanto, tão fortes a ponto de conseguirmos encontrar nelas muitos elos que as unam às Sagradas Escrituras. Iohána, Pedro, André e Ana, cujos nomes também se encontram na *Bíblia*, serão analisados a partir deste livro e veremos como influenciam no destino destes personagens. Mostraremos o vinho desde sua primeira aparição na literatura, a sua relação com o obscuro em *Lavoura Arcaica* e as severas advertências bíblicas quanto ao seu uso. Veremos o linguajar dos profetas de Raduan e de Deus se assemelharem em estilo e conteúdo. Não deixaremos de lado as sementinhas que não vingaram, mas as juntaremos num só punhado nas mãos e mostraremos como elas, mesmo sem muito vigor, conseguem fortalecer o romance e fazem florescer em suas páginas muitas imagens bíblicas que poderiam passar sem serem notadas.

A grande colheita será feita no último capítulo, onde juntaremos em nossos celeiros histórias conhecidas da *Bíblia*, que evocam muitas outras para sua interpretação. Compararemos os dois filhos pródigos: o de Lucas e o de Raduan, procurando mostrar o que há de comum e o que difere entre as duas histórias. Os olhos tenebrosos de André serão analisados a

partir do olhar que levou à queda o homem no Jardim do Éden; trataremos então de estabelecer comparações entre André e Lúcifer. Derradeiramente trabalharemos o tempo, suas implicações no romance e a sua ação sobre o personagem principal.

1 LAVOURA ARCAICA E A BÍBLIA: MUITA COISA EM COMUM

Como o objetivo a que nos propomos é fazer uma imersão no mundo bíblico, é natural que as comparações sejam mais apropriadas ao povo judeu. Cabe, porém, salientar que tanto os judeus quanto os árabes têm suas raízes genealógicas em Abraão¹. Espera-se, assim, que as relações estabelecidas aqui sirvam tanto para um quanto para outro.

Não há como negar que *Lavoura Arcaica* é um romance cheio de imagens bíblicas e, concordando com Luana Ferreira de Freitas, ecos bíblicos. Freitas (2008) em seu ensaio trabalha a Teopoética, segundo a qual trata do discurso literário sobre Deus e da possibilidade de um diálogo entre a Teologia e a Literatura. É esse diálogo que pretendo trabalhar nas próximas páginas.

Os *Cadernos de Literatura Brasileira* nos trazem ao conhecimento que, em 1972, Raduan Nassar participa, com a família, da leitura comentada do *Novo Testamento* ao longo do ano. Nassar, por outro lado, retoma a leitura do *Velho Testamento* e do *Alcorão*. Não causa estranheza, portanto, os inúmeros “ecos” bíblicos e alcorânicos encontrados na obra. Estes nem tanto, mas muito abundantes aqueles.

A *Bíblia* é uma obra composta por 66 livros considerados canônicos, variando seu número quando adotados os livros chamados apócrifos. O *Velho Testamento* é composto por 39 livros, assim classificados: Lei, Históricos, Poéticos, Proféticos (maiores e menores) e Filosóficos. O *Novo Testamento* agrupa 27 livros classificados em Evangelhos, Histórico, Profético e Epístolas.

Quanto aos autores da *Bíblia*, estima-se o seu número em quarenta. Segundo Josh McDowell, diferentes tipos de pessoas escreveram o Livro Sagrado, entre elas reis, camponeses, filósofos, pescadores, poetas, estadistas, estudiosos, etc. Ele enumera ainda alguns lugares onde estes autores escreveram: deserto, masmorra, colina, palácio, prisão, ilha, em viagem e em campanhas de guerra. Acrescente-se a isso três continentes onde foram escritos e três idiomas. Quanto aos continentes temos a Ásia, África e Europa e quanto aos idiomas o hebraico, o aramaico e o grego (MCDOWELL, 1992, p. 20).

Isso tudo é no mínimo singular, pois este conjunto de livros considerados sagrados tem servido como intertexto para diversas obras de escritores como Dostoiévski, Shakespeare,

¹ A *Bíblia de Jerusalém*, em nota de rodapé, p.54, nos diz o seguinte: “Os descendentes de Ismael são os árabes do deserto, independentes e errantes como o asno (Jó 39,5-8)”.

É importante frisar que Ismael foi o primeiro filho de Abr(a)ão, fruto de sua relação com Agar (Gênesis 16) e Isaque, cujos descendentes são os judeus, é o fruto de sua relação com Sara (Gênesis 21).

C. S. Lewis, R. R. Tolkien, Machado de Assis, Murilo Rubião e José Saramago – só para citar alguns. Em seu ensaio, Freitas (2008) cita Frye:

“a abordagem da *Bíblia* de um ponto de vista literário não é de *per si* ilegítimo: nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária”(FRYE apud FREITAS, 2008)

O que há de tão extraordinário na *Bíblia* Sagrada a ponto de se tornar o livro mais lido no mundo? Tirando a questão da fé, que não importa a este trabalho, podemos dizer que é a linguagem, o desafio que os homens aceitam para decifrar os enigmas de suas páginas. A poesia que permeia alguns de seus livros enche a alma de sensibilidade e admiração. Isto é o que podemos também encontrar em *Lavoura Arcaica*, uma poesia linda, em forma de prosa e enigmas que têm suscitado diversas interpretações, passando pelos campos da psicologia, psicanálise, filosofia, intersemiótica, mitologia grega e pelo viés cristão.

É notório que Nassar utiliza a *Parábola do Filho Pródigo* a fim de dar corpo à sua trama, mas não somente isto. Podemos encontrar outros matizes bíblicos em *Lavoura Arcaica*. Citemos como exemplos o tempo, que é um dos temas do livro de Eclesiastes; o capítulo 13 muito nos lembra a paciência de Jó; os olhos como candeia do corpo, a linda história de amor de Cantares, etc. Estes matizes bíblicos, mais adiante, serão divididos em Pequena Colheita e Grande Colheita, conforme o grau de presença no texto. A fim de não tentar adaptar tudo para a *Bíblia*, seguimos os conselhos de Teixeira:

É fundamental, portanto, a atenção na leitura e interpretação bíblicas (mesmo que sem uma intenção ou crença religiosa). Afinal, uma imensa distância temporal nos afasta do emprego original dos vocábulos usados, e o leitor de hoje pode tomar num sentido equivocado a mensagem, por desconhecer a história da língua. (TEIXEIRA, 2002, p. 61)

Para isso, procuramos usar várias versões bíblicas, entre elas a que, segundo alguns críticos, mais se aproxima dos originais: A *Bíblia* de Jerusalém.

A linguagem de Nassar muito se assemelha a da *Bíblia*: comparações, metáforas, hipóboles, sinédoques, usos que “muitas vezes condiciona a significação das palavras a um sentido figurado, de acordo com o recurso retórico utilizado” (TEIXEIRA, 2002, p. 61). Lotito, em seu artigo sobre o uso de metáforas em *Lavoura Arcaica*, salienta-nos que neste romance “o leitor fica, desde o início, confuso quanto ao seu sentido, já que o significado de um dos dois vocábulos postos em relação metafórica escapa ao conhecimento do leitor, pois pertence ao mundo interior do narrador” (LOTITO, 2007, p. 336).

O romance é impregnado de uma linguagem rica, incisiva, poética, que beira à retórica. Não podemos ignorar que é rico em linguagem bíblica, dos povos semitas, incluindo aí o árabe. Daniel-Rops ao comentar sobre a língua falada na Palestina nos tempos de Cristo diz:

Mas a língua pode ter tido muitos outros propósitos: por exemplo, existe aquela função poética para a qual nossa civilização materialista não tem praticamente aplicação, mas que teve grande importância em Israel e em todas as outras nações do Oriente, particularmente os semitas, e também aquela transmissão de geração em geração – um papel ligado inseparavelmente à poesia. (DANIEL-ROPS, 1991, p. 175)

Temos a sensação de oralidade em *Lavoura Arcaica*, onde “o verbo (de André) foi um princípio de mundo”. Principalmente para a Literatura Brasileira. Teixeira, ao comentar sobre o período que compreende as décadas de 60 e 70, classifica a literatura produzida nesta época em duas vertentes: a que faz crítica político-social e a que trabalha com o gênero maravilhoso-fantástico. Ainda segundo a autora:

É nesse cenário que aparece *Lavoura Arcaica*, um “romance-novela” com uma temática avessa à das obras publicadas na ocasião. Ao invés de refletir de imediato a problemática político-social, Raduan elabora uma prosa poética cujo tom primordial é imenso lirismo, e cujo referente primeiro é a remissão à cultura sírio-libanesa e a *Bíblia*. (TEIXEIRA, 2002, p. 48)

É notório que a *Bíblia* chegou até nós depois de um período de oralidade, em que os pais passavam aos filhos seus conhecimentos através da palavra falada. Segundo o historiador Daniel-Rops:

os eruditos de Israel, desejosos de ajudar a memória e gravar o mais profundamente possível os ensinamentos que ela deveria reter e transmitir, haviam inventado todo um sistema de ritmos, melodias, aliteraões, repetições de palavras e antíteses que tornava mais fácil a memorização dos elementos verbais. [...] Estudos recentes provaram a importância fisiológica e psicológica deste “estudo rítmico”: A maior parte do Velho Testamento provavelmente foi composta nessa base, em ritmos duplos ou triplos. Quanto ao Evangelho, basta lê-lo com cuidado para sentir a batida rítmica e o jogo dos contrastes: a técnica característica continua perfeitamente visível, embora o livro tenha sido traduzido para o grego e desta língua para o português: isto é, duas línguas cujos ritmos e construções são radicalmente diferentes dos semitas. (DANIEL-ROPS, 1991, p. 177)

Sem dúvida nenhuma, Nassar nos brinda com uma obra rica em poesia e ritmos. Já no início de *Lavoura Arcaica* podemos vislumbrar o que o autor nos reserva.

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo (NASSAR, 1989, p. 5).

2 A PEQUENA COLHEITA DE IMAGENS BÍBLICAS

Podemos classificar em pequena colheita o conjunto de imagens bíblicas que passam quase despercebidas em *Lavoura Arcaica*. O bom leitor – aquele cujo Livro Sagrado faz parte de sua Literatura – reconhece rapidamente os “ecos bíblicos” aflorando em quase todos os capítulos do romance de Nassar.

2.1 Os nomes: influência no destino

A escolha dos nomes pelos judeus – e por todos os habitantes do mundo antigo - tinha uma grande importância, pois a eles atribuíam uma influência sagrada. Daniel-Rops (1991) cita a lenda egípcia de Ísis, que se recusa a curar o deus Rá da mordida de uma serpente até que ele revele seu próprio nome. Depois de saber o nome de Rá, Ísis se torna mais poderosa e também uma das maiores divindades. Ainda o mesmo autor diz que o nome fazia parte integral do indivíduo, tendo influência sobre o seu caráter e até sobre o seu destino.

Temos então em *Lavoura Arcaica* os nomes influenciando sobre a vida de quase todos os personagens. A família, constituída pelos pais e sete filhos, tem quatro componentes cujos nomes são significativos para o desenrolar da história. Assim como o povo judeu recebia somente o primeiro nome, esta é a única referência que temos na obra, não há sobrenome. Se considerarmos a informação trazida por Daniel-Rops (1991) de que o filho mais velho recebia, com frequência, o nome do avô a fim de continuar a tradição onomástica da família e distingui-lo do pai, podemos perceber que não há dubiedades no caráter de Pedro. Embora ele seja o representante do pai, ele se mantém firme na verdade que deste aprendera. André carrega em si traços do caráter paterno, é na ambiguidade que se perde. O pai prega seus sermões como verdades absolutas – a sua verdade – e para fazer prevalecer a sua autoridade pode até mudar a história, ocultando fatos importantes (ou seria a interpretação que André gostaria de dar?).

veja, Pedro, veja nos meus braços, mas era ele também, era ele que dizia provavelmente sem saber o que estava dizendo e sem saber com certeza o uso que um de nós poderia fazer um dia, era ele descuidado num desvio (NASSAR, 1989, p. 43)

Iohána, o pai, significa, segundo Buckland (1993), graça ou favor de Deus. Este nome deriva do hebraico Yochanan, tendo em português o seu paralelo João. Há um fato interessante na escolha deste nome: assim como nos evangelhos há um João, pai dos irmãos-apóstolos Pedro e André; na obra de Nassar o mesmo acontece.

Pedro, cujo significado é rocha ou pedra se mantém firme nas palavras do pai e como o apóstolo pescador de homens, sai em busca da ovelha desgarrada. Não seria curioso encontrarmos no final do *Evangelho de João* – e somente neste livro – Jesus pedindo, por três vezes que Pedro apascentasse suas ovelhas? (JOÃO 21.15-17). A uma tarefa se dispôs o filho primogênito de Iohána: “Pedro cumprira sua missão me [André] devolvendo ao seio da família” (NASSAR, 1989, p. 149).

André é o viril e corajoso. Estas características estão bem patentes em *Lavoura Arcaica*. Ele procura afirmar sua masculinidade através de um desejo sexual irrefreável. Todas as suas paixões estão relacionadas a esta virilidade: a masturbação, o sexo com Sudanesa, o incesto com Ana e os gestos de carinho em Lula. O narrador usa várias metáforas para falar de amor e sexo, isto permeia a obra toda. Aqui colocamos exemplos² aproveitados do artigo escrito por Lotito (2007), segundo a qual a série de palavras: madeira, fogo, incendeio e lenho, ao servirem como reforço de expressividade, mesmo sendo um clichê metafórico, do tipo fogo=desejo, às vezes não é percebido como tal.

meus pés, os espinhos dos meus braços, as folhas que me cobriam **a madeira do corpo** (NASSAR, 1989, p. 48)

ia enchendo os cômodos em abandono com minhas preces, iluminando com **meu fogo** e minha fé as sombras esotéricas que fizeram a fama assustada da casa velha; e enquanto me subiam os gemidos subterrâneos através das tábuas, eu fui dizendo, como quem ora, ainda **incendeio** essa madeira (NASSAR, 1989, p. 93)

ela[Ana] transpôs a soleira, me contornando pelo lado como se contornasse um **lenho** erguido à sua frente, impassível, seco, altamente inflamável (NASSAR, 1989, p. 102)

E a coragem se revela ao ir de encontro às palavras do pai. A partir daí temos “uma história de *hybris*”, expressão usada por Luís Augusto Fischer (1991). É a história do adolescente transgressor que está disposto a quebrar “as tábuas da lei patriarcal”. “Aquele que fora talhado sob medida para receber o demo” há de insultar e blasfemar na cara do próprio pai.

Ana, em hebraico, significa “cheia de graça”, “a benéfica”. Ela, através de seus encantos, “sua graça” atrai os “olhares tenebrosos” de seu irmão, que por ela morre de amores:

² Os grifos são da autora.

“Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome” explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carneirão maduro e pestilento, “era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu ar-repio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos” (NASSAR, 1989, p. 109)

Talvez até possamos nos aventurar em dizer que Ana, a benéfica - aproveitando o significado desta palavra – num primeiro momento doa seu corpo a fim de que o irmão apaixonado possa encontrar o seu outro “eu”, pois conforme Perrone-Moisés (1996) e Sedlmayer (1997) este pronome é o significado para Ana em árabe. Num segundo momento, dispõe-se a evitar que o retorno de André torne a convivência com o pai insuportável. Atrai para si a atenção de todos ao se vestir e dançar como uma prostituta e ferindo os preceitos do pai, recebe dele o golpe fatal. Traz com essa atitude André de volta à realidade e o coloca em “seu lugar à mesa da família”, isto é, no lugar do pai.

2.2 O néctar dos deuses

O vinho, também chamado “o néctar dos deuses”, é muito conhecido desde a antiguidade. No épico babilônico Gilgamesh, de cerca de 1800 a.C, já há menção a esta bebida. Na *Bíblia* temos a história de Noé que plantou para si uma vinha. Também é de Noé o primeiro caso de embriaguez, o que resultou em uma cena de nudez presenciada por seu filho mais novo.

E começou Noé a ser lavrador da terra, e plantou uma vinha. E bebeu do vinho, e **embebedou-se**; e descobriu-se no meio de sua tenda. E viu Cam, o pai de Canaã, a **nudez do seu pai**, e fê-lo saber a ambos seus irmãos no lado de fora. Então tomaram Sem e Jafé uma capa, e puseram-na sobre ambos os seus ombros, e indo virados para trás, cobriram a **nudez** do seu pai, e os seus rostos estavam virados, de maneira que não viram a **nudez** do seu pai. E despertou Noé **do seu vinho**, e soube o que seu filho menor lhe fizera. (GÊNESIS 9.20-24, grifos nossos).

Ainda na *Bíblia* temos o caso de incesto entre Ló e suas duas filhas. A fim de conseguirem deitar com seu pai e assim perpetuar o nome da família, as duas filhas de Ló embriagam-no com vinho e deitam-se com ele, sem que ele saiba.

Então a primogênita disse à menor: Nosso pai já é velho, e não há homem na terra que entre a nós, segundo o costume de toda a terra; Vem, **demo de beber vinho a nosso pai, e deitemo-nos com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai**. E deram de beber vinho a seu pai naquela noite; e veio a primogênita e

deitou-se com seu pai, e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E sucedeu, no outro dia, que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe de beber vinho também esta noite, e então entra tu, deita-te com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. (GÊNESIS 19.31-34, grifo nosso)

Em *Lavoura Arcaica*, André aparece em cena “respirando um cheiro exaltado de vinho”. A primeira cena é de “consagração dos objetos do corpo”, a masturbação. Evelyn Amado Fernandes comenta que “esse comportamento, o qual coloca o órgão sexual como o centro de suas ações, pode demonstrar a presença do deus Dionísio” (FERNANDES, 2007, p. 55). Este deus, na mitologia grega; Baco, na romana, é a personificação do vinho. Otfried Mueller, citado por René Ménéard (1997), diz que o Hermes fálico da Grécia foi em breve substituído pela figura soberba e majestosa do velho Dionísio e que durante suas festas, por último, era trazido o falo, símbolo da fertilidade. Em *Lavoura Arcaica* há a alusão à obscenidade relacionada ao consumo do vinho:

por isso molhe os lábios, molhe a boca, molhe os teus dentes cariados, e a sonda que desce para o estômago, encha essa bolsa de couro apertada pelo teu cinto, deixe que o vinho vaze pelos teus poros, só assim é que se cultua o obsceno (NASSAR, 1989, p. 69)

São inúmeras as advertências na *Bíblia* quanto ao uso imoderado do vinho. André da mesma forma é admoestado a se abster dele, pois “não [vinha] deste vinho a sabedoria das lições do pai”, aliás, é a mesma sugestão de *Provérbios* 20.1, que diz que todo aquele que se dá ao vinho nunca será sábio; tampouco seria “o espírito deste vinho que [iria] reparar tanto estrago em [sua] casa”. No livro de Efésios há uma advertência: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do espírito” (EFÉSIOS 5.18).

o mundo pra mim já estava desvestido, bastava tão só puxar o fôlego do fundo dos pulmões, o vinho do fundo das garrafas, e banhar as palavras nesse doce entorpecimento, sentindo com a língua profunda cada gota, cada bago esmagado pelos pés deste vinho, deste espírito divino (NASSAR, 1989, p. 47)

eu disse quase afogado nessa certeza, procurando me recompor com um bom respiro no espírito do vinho (NASSAR, 1989, p. 69)

2.3 Os Profetas dos ais

De acordo com Buckland (1993), a palavra profeta se origina de uma raiz assíria ou árabe - “nabi” - que significa proferir, anunciar uma mensagem, mas também quer dizer “aquele que ferve com a inspiração ou mensagem divina”. Muitos livros da *Bíblia*, embora estejam em forma de prosa, originalmente foram escritos em versos, como é o caso de *Jeremias*. Neste livro o profeta faz uso eficaz da repetição, do simbolismo e até criptogramas. Iohána é o mensageiro, o profeta de *Lavoura Arcaica*, sendo o seu discurso – como bem observaram Rodrigues (2006) e Teixeira (2002) – cheio de figuras ou procedimentos típicos da retórica: metáfora, metonímia, alegoria, hipérbole, personificação, adágios ou aforismos, etc., usando muitas vezes expressões verdadeiramente poéticas. Os “ais” que encontramos no romance muito se assemelham aos que ecoam em *Isaías*:

ai daquele que brinca com fogo: terá as mãos cheias de cinza; ai daquele que se deixa arrastar pelo calor de tanta chama: terá a insônia como estigma; [...] ai daquele que deita as costas nas achas ai daquele que se antecipa no processo das mudanças: terá as mãos cheias de sangue; ai daquele, mais lascivo, que tudo quer ver e sentir de um modo intenso: terá as mãos cheias de gesso, ou pó de osso, de um branco frio, ou quem sabe sepulcral, mas sempre a negação de tanta intensidade e tantas cores: acaba por nada ver, de tanto que quer ver; acaba por nada sentir, de tanto que quer sentir; acaba só por expiar, de tanto que quer viver; cuidem-se os apaixonados, afastando os olhos a poeira ruiva que lhes turva a vista, arrancando dos ouvidos os escarvelhos que provocam turbilhões confusos, expurgando do humor das glândulas o visgo peçonhento e maldito; erguer uma cerca ou guardar simplesmente o corpo, são esses os artifícios que devemos usar para impedir que as trevas de um lado invadam e contaminem a luz do outro (NASSAR, 1989, p. 57-58)

Ai dos filhos rebeldes, diz o Senhor, que tomam conselho, mas não de mim; e que se cobrem, com uma cobertura, mas não do meu espírito, para acrescentarem pecado sobre pecado. (ISAÍAS 30.1)

Ai de ti, despojador, que não foste despojado, e que procedes perfidamente contra os que não procederam perfidamente contra ti! Acabando tu de despojar, serás despojado; e, acabando tu de tratar perfidamente, perfidamente te tratarão. (ISAÍAS 33.1)

Estes vaticínios começados pelos “ais” se encontram em quase todos os livros proféticos: *Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Amós, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias e Zacarias*. No novo testamento temos o próprio Cristo assumindo o papel de profeta: “Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida!... (MATEUS 11.21)” Os próprios anjos aparecem em apocalipse vaticinando contra as nações. Nassar aproveita esta imagem dos anjos tocando trombetas para usá-la em sua obra:

E olhei, e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! ai! ai! dos que habitam sobre a terra! por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que não de ainda tocar. (APOCALIPSE 8.13)

e enquanto uma brisa impertinente estufava as cortinas de renda grossa, que desenhava na meia altura dois anjos galgando nuvens, soprando tranqüilos clarins de bochechas infladas (NASSAR, 1989, p. 17)

2.4 As sementinhas que não vingaram

Chamamos de sementinhas as imagens bíblicas que aparecem como relâmpago em *Lavoura Arcaica*, trazendo brilho ao texto, mesmo em meio a tantas sombras encontradas nas páginas do romance.

A luta da carne contra o espírito sempre foi uma preocupação constante para os apóstolos, pois quando este prevalecia significava que o cristão havia derrotado suas paixões mundanas. A vitória da carne era derrota; o cristão não conseguira viver uma vida de pureza e obediência aos preceitos da fé. André diz que “estava era escuro por dentro, não conseguia sair da carne dos meus sentimentos” (NASSAR, 1989, p. 16). Quando criança ele tinha tanta fé, que esta crescia como vírus. Não conseguiu, porém, refrear suas paixões perigosas.

Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. (ROMANOS 8.5)

O mundo das paixões, em que a família deveria esticar os arames de sua cerca – principalmente André - é o caminho largo do qual Cristo tanto advertiu seus discípulos. O *filho desgarrado* queria encontrar felicidade longe das divisas do pai, mas isso não passava de ilusão.

em contar que o horizonte da vida não era largo como parecia, não passando de ilusão, no meu caso, a felicidade que eu pudesse ter vislumbrado para além das divisas do pai (NASSAR, 1989, p. 24)

Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. (MATEUS 7.13)

Para as transgressões sempre há o perdão. Não importa quantas foram. Quanto mais se erra, maior é o regozijo para aquele que é perdoado, que sabe que tudo foi apagado e esquecido. Pedro lembra a André que “havia mais força no perdão do que na ofensa e mais for-

ça no reparo do que no erro” (NASSAR, 1989, p. 24). Esta é a mesma imagem encontrada na *Epístola aos Romanos*: “mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça.” (ROMANOS 5.20b)

O enfermo André julga que sua “loucura era mais sábia que a sabedoria do pai”, não reconhecia qualquer ciência que não fosse a sua, que estivesse fora dele (NASSAR, 1989, p. 111). Citemos duas passagens bíblicas que podemos relacionar com esses excertos: uma que fala da sabedoria de Deus, aqui sendo substituída pela do pai; outra, em que Deus se diz o único, mas tendo André assumido este papel:

Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia. (1 CORÍNTIOS 3.19)

Para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro. (ISAÍAS 45.6)

O narrador também utiliza belas imagens para se caracterizar. O adolescente marcado na testa é uma referência ao assassino Caim, do livro de *Gênesis*. É a marca do destino, do “maktub” proferido pelo avô. Ninguém pode mudar. Está escrito. Ela estará sempre presente, mesmo que ninguém a veja, todos a pressentem. Caim recebeu uma marca, não podemos identificar se na testa ou não, mas no romance talvez, em alusão aos homens marcados em apocalipse, este seja o local.

limpando para sempre a marca que trago na testa, essa cicatriz sombria que não existe mas que todos pressentem (NASSAR, 1989, pp. 126, 127)

O Senhor, porém, disse-lhe: Portanto qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse (GÊNESIS 4.15)

E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também este beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. (APOCALIPSE 14.9,10)

Temos tantas outras imagens bíblicas resplandecendo em *Lavoura Arcaica*, no entanto não pretendemos esgotar o assunto. Podemos dar uma olhada, por cima, de tantas expressões usadas por Raduan que nos remetem às páginas sagradas:

sempre ouvimos que o **sol nasce para todos** (NASSAR, 1989, p. 129)

Porque faz que o seu **sol se levante sobre maus e bons**, e a chuva desça sobre justos e injustos. (MATEUS 5.45)

lavava sua carne, limpava sua lepra, que banho de purificação (NASSAR, 1989, p. 132)

Então Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, e **lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será curada e ficarás purificado**. (2 REIS 5.10)

de que me adiantaria agora **ser simples como as pombas? Se eu depositasse um ramo de oliveira** sobre esta mesa, o senhor poderia ver nele simplesmente um ramo de urtigas. (NASSAR, 1989, p. 11)

Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e **simples como as pombas**. (MATEUS 10.16)

E a pomba voltou a ele à tarde; e eis, arrancada, **uma folha de oliveira no seu bico**; e conheceu Noé que as águas tinham minguado de sobre a terra. (GÊNESIS 8.11)

3 A GRANDE COLHEITA DE IMAGENS BÍBLICAS

3.1 A parábola do filho pródigo

Raduan Nassar foi muito feliz ao escolher a *Parábola do Filho Pródigo* como o mais visível intertexto para seu romance. Aliás, é dentro desta parábola que Nassar viaja através da *Bíblia*, e com tanta propriedade que parece que temos diante dos olhos uma “mini*Bíblia*”.

Buckland (1993) define a parábola como uma narrativa, imaginada ou verdadeira, que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade. Nassar aproveita a parábola de Lucas 15 e elabora uma outra, só que às avessas – segundo palavras de Gamal (2007) - a fim de construir o mundo de seu personagem e a sua “verdade”.

O leitor cuidadoso, que nos pede Gamal para a leitura de *Lavoura Arcaica*, logo verá que o filho pródigo da *Bíblia* é muito diferente do que temos no romance nassariano. No romance a estrutura se apresenta invertida desde o princípio, “a partida” é na realidade o retorno, configura assim uma paródia da parábola. Contudo nos é apresentada uma obra cheia de semelhanças e diferenças que não hão de passar despercebidas pelo leitor.

Quanto à saída de casa, podemos ver que os dois personagens, o filho pródigo e André, agem de maneiras distintas. O Filho pródigo pede a herança que lhe cabe e sai mundo afora dissipando tudo o que possui. André, como característica de sua rebeldia, nem ao menos dá satisfação do motivo que o leva a sair de casa: “Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava lá da fazenda” (NASSAR, 1989, p. 35).

O filho pródigo da *Bíblia* reconhece seu erro e arrependido retorna a casa paterna. Não há nenhuma referência que seu irmão mais velho tenha demonstrado interesse em saber sobre seu estado. Pedro, o irmão mais velho de André, assume a responsabilidade de trazer de volta a “*ovelha negra*:” “e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira” (NASSAR, 1989, p. 11). O irmão mais velho na parábola representa a valorização da família, e o mesmo pode ser dito em relação a Pedro. Daniel-Rops (1991), em seu livro sobre a vida diária nos tempos de Jesus, diz:

A família em Israel era a base vital da sociedade, a pedra fundamental de todo edifício. [...] Os membros da família sentiam-se realmente como sendo da mesma carne e sangue, e ter o mesmo sangue significa ter a mesma alma. [...] A família não era apenas uma entidade social, mas também uma comunidade religiosa, com suas festas

particulares, em que o pai era o celebrante enquanto os demais membros participavam. (DANIEL-ROPS, 1991, p. 81)

As relações familiares, através de uma mensagem de pureza austera, pregada pelo pai de André, invocando o amor, a união e o trabalho, eram cultivadas cada dia. Daniel-Rops (1991) nos traz à luz que a boa sorte de um membro da família era alegria para todos e eles procuravam tirar proveito disso.

e ele falou que estando a casa de pé, cada um de nós estaria também de pé, e que para manter a casa erguida era preciso fortalecer o sentimento do dever, venerando os nossos laços de sangue (NASSAR, 1989, p. 23)

Por outro lado, ainda segundo Daniel-Rops, se uma infelicidade atingia a um dos membros, todos ficavam enlutados, e bastava uma única desonra para que a família inteira ficasse sob sombras. Pedro, na sua incansável tarefa de trazer André de volta ao lar, adverte-o das tentações que, se não forem ignoradas, levariam à queda a família inteira: “[...] pois bastava que um de nós pisasse em falso para que toda a família caísse atrás” (NASSAR, 1989, p. 23)

O livro de *Josué* nos traz a história de Acã, que tomara do anátema que Deus ordenou que não tomassem. Por causa disso todo o povo estava destinado a perecer enquanto não fosse descoberto e extirpado o culpado. Por mais dolorida que seja a história, era assim que o povo hebreu agia em relação à família. O erro de um traria consequências à família toda, e de uma maneira ou outra também o povo era afetado.

Israel pecou, e transgrediram a minha aliança que lhes tinha ordenado, e tomaram do anátema, e furtaram, e mentiram, e debaixo da sua bagagem o puseram. Por isso os filhos de Israel não puderam subsistir perante os seus inimigos; viraram as costas diante dos seus inimigos; porquanto estão amaldiçoados; não serei mais convosco, se não desarraigardes o anátema do meio de vós. (JOSUÉ 7.11,12)

Então Josué, e todo o Israel com ele, tomaram a Acã filho de Zerá, e a prata, e a capa, e a cunha de ouro, e seus filhos, e suas filhas, e seus bois, e seus jumentos, e suas ovelhas, e sua tenda, e tudo quanto ele tinha; e levaram-nos ao vale de Acor. E disse Josué: Por que nos perturbaste? O Senhor te perturbará neste dia. E todo o Israel o apedrejou; e os queimaram a fogo depois de apedrejá-los. (JOSUÉ 7. 24,25)

A preocupação de Pedro era pertinente, pois sendo a família uma célula vital da sociedade, a queda de André seria a queda da família toda. Contra isso também adverte o apóstolo Paulo: “Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia.” (1 CORÍNTIOS 10.12). Mas é na desestruturação da família que o romance gira - na rebeldia do “filho torto”, que não suporta mais os sermões do pai. Honrar pai e mãe é um dos mandamentos do decálogo e Paulo

chega a dizer que é o primeiro mandamento com promessa: “*para seres feliz e teres longa vida sobre a terra*”. (EFÉSIOS 6.1-3)

Muitas são as advertências na *Bíblia* a fim de se estabelecer o respeito entre pai e filho. O livro de provérbios é a maior fonte dessas citações. Talvez pela experiência de vida que o pai tem, os filhos devem respeitá-lo, ouvindo suas instruções e também as praticando. Para ilustrar, citemos apenas duas a fim de não sermos exaustivos:

Ouvi, filhos, a instrução do pai, e estai atentos para conhecerdes a prudência. (PROVÉRBIOS 4:1)

Provérbios de Salomão: O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe. (PROVÉRBIOS 10:1)

Através destes dois versículos podemos apresentar André, a *ovelha tresmalhada* em *Lavoura Arcaica*: um filho rebelde que não se agrada dos conselhos do pai:

tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai; era ele, Pedro, era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo, era ele sempre dizendo coisas assim, eram pesados aqueles sermões de família (NASSAR, 1989, p. 43)

Além disso, André, o personagem, é um filho que não se mostra prudente. Segundo o dicionário on-line Pliberam da Língua Portuguesa, prudente é aquele que prevê, providente, que age com conhecimento de causa. Em nossa cultura, embora haja acalorados debates em torno do assunto, não podemos esperar que um adolescente de 17 anos saiba o que está fazendo. Apesar da verbosidade, André não parece medir as consequências de seus atos. Nossa legislação prevê que somos inimputáveis penalmente antes dos dezoito anos e tornamo-nos responsáveis pelos atos da vida civil apenas ao atingirmos esta idade, salvo algumas exceções.

São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, Art. 228)

A menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil. (CÓDIGO CIVIL, Art. 5º)

Conforme artigo publicado pela jornalista Ivanise Andrade (2008), a maioridade no Líbano é atingida aos 12 anos de idade. Se levarmos em conta as origens do autor transpostas nas páginas do romance, podemos contemplar, mesmo que aparentemente, o “filho arredio”, consciente de seus atos, querendo assumir responsabilidades nunca antes assumidas. Tudo, entretanto, está condicionado ao seu sucesso no amor com Ana. O capítulo 20 é o rol de tarefas que o “vagabundo irremediável” promete cumprir se for atendido em sua chantagem emo-

cional a fim de obter o amor de sua irmã. Desde a partida de André até seu retorno não há alegria no seio da família. Ele é o filho “tolo” que não alegra o seu pai. É o filho insensato que traz tristeza para a sua mãe:

você não sabe o que todos nós temos passado esse tempo da tua ausência, te causaria espanto o rosto acabado da família; é duro eu te dizer, irmão, mas a mãe já não consegue esconder de ninguém os seus gemidos" (NASSAR, 1989, p. 24)

e vi a mãe, perdida no seu juízo, arrancando punhados de cabelo, descobrindo grotescamente as coxas, expondo as cordas roxas das varizes, batendo a pedra do punho contra o peito (NASSAR, 1989, p. 194)

Talvez o filho pródigo de *Lucas* não tivesse a intenção de retornar para casa, pois foi para uma terra longínqua e ali dissipou sua herança, com prostitutas, numa vida devassa. André, apesar de ter fugido de casa, parece ter o desejo de não se afastar muito dela, como se ali houvesse algo que o atraísse:

cada passo, me distanciava lá da fazenda, e se acaso distraído eu perguntasse “para onde estamos indo?” — não importava que eu, erguendo os olhos, alcançasse paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer dúvida: “estamos indo sempre para casa”. (NASSAR, 1989, pp. 35,36)

Ninguém sabe que tipo de vida devassa levou o filho pródigo além de andar com prostitutas e ter contatos com porcos (o que era considerado pecado para judeus e árabes), no entanto podemos identificar os “pecados” de André. Já no primeiro capítulo encontramos um André onanista.

quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo; eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana, quando meu irmão chegou pra me levar de volta; minha mão, pouco antes dinâmica e em dura disciplina, percorria vagarosa a pele molhada do meu corpo (NASSAR, 1989, pp. 9,10)

Desde tempos primevos, a masturbação foi considerada pecado. Em nota de rodapé na *Bíblia de Jerusalém*, relacionada ao capítulo 15 do livro de Levítico (p. 181), diz que a simples ejaculação seminal do homem é um caso de impureza, e no livro de Deuteronômio 23.10 acrescenta-se a poluição noturna. O onanismo tem sua origem em Onan, personagem bíblico

morto por Deus porque não queria suscitar descendência a seu irmão, seguindo a lei do levirato³:

Então disse Judá a Onan: Entra à mulher do teu irmão, e casa-te com ela, e suscita semente ao teu irmão. Onan, porém, soube que esta semente não havia de ser para ele; e aconteceu que, quando entrava à mulher do seu irmão, derramava-a na terra, para não dar semente ao seu irmão. E o que fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou. (GÊNESIS 38.8-10)

Temos no capítulo 4 de *Lavoura Arcaica* um possível caso de bestialidade entre André e sua cabra Sudanesa. Podemos dizer possível porque Nassar consegue, através de suas perfeitas construções textuais, sempre deixar margens a ambiguidades. Rodrigues (2006) diz que a relação não é tratada cruamente como num romance naturalista nem comicamente como faria um escritor de comédia; Nassar, entretanto, leva André a revelar a relação através de imagens e sugestões, nunca de forma totalmente explícita. Este não seria o primeiro caso de bestialidade na Literatura Brasileira. Em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, romance de um “naturalismo feroz”⁴, o narrador nos conta que “tínhamos [tinham] as nossas [suas] cabras e as nossas [suas] vacas para encontros de lubricidade (REGO, 1982, p. 26). Prossegue, ainda, o narrador:

A promiscuidade selvagem do curral arrastava a nossa infância às experiências de prazeres que não tínhamos idade de gozar. Era apenas numa buliçosa curiosidade de menino, a mesma curiosidade que nos levava a ver o que andava por dentro dos brinquedos. (REGO, 1982, p. 26)

Em *Lavoura Arcaica*, André com seus “olhos enfermiços e cuidados de amante extremo” começa a cuidar de Sudanesa com tanto zelo que se constitui seu *pastor lírico*. Imagem esta que nos remete ao pastor de ovelhas e tocador de harpa da *Bíblia*, Davi (1 SAMUEL 16). André tem tanta intimidade com sua cabra que até a chama de forma carinhosa de Schuda. Ela “não era uma cabra lasciva”, o menino André era, o que é muito comum - conforme nos lembra Rodrigues (2006) - a iniciação sexual dos meninos com animais no meio rural.

³ A *Bíblia de Jerusalém*, em nota de rodapé na página 288, explica: “Do latim *levir*, “cunhado”, que traduz o hebraico *yabam*: a viúva sem filho do sexo masculino é desposada pelo cunhado; o primeiro filho é considerado do defunto e recebe sua parte na herança. A instituição, que existia também entre os assírios e os hititas, tinha por finalidade perpetuar a descendência e assegurar a estabilidade do bem de família.

⁴ Expressão usada por João Ribeiro em *NOTA SOBRE MENINO DE ENGENHO* (REGO, 1982, p. xxix).

Schuda, paciente, mais generosa, quando uma haste mais tímida, misteriosa e lúbrica, buscava no intercurso o concurso do seu corpo. (NASSAR, 1989, p. 21)

Esta relação, tão sutilmente descrita, é mais uma das interdições da *Bíblia*. Todo aquele que a infringisse, deveria morrer (ÊXODO 22.19⁵, LEVÍTICO 20.15⁶). Isso tudo não é nada para o jovem que “trazia a peste no corpo”. O impaciente André desde pequeno se vê envolvido com o jogo da sedução. A psicanalista Ruth Rissin Jozef (1992) destaca que a mãe, ao escolhê-lo dentre os irmãos, colocando-o num lugar especial, acaba por inaugurar a linha de sedução.

e só esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes "acorda, coração" e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo até que eu, que fingia dormir, agarrasse suas mãos num estremecimento, e era então um jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol (NASSAR, 1989, p. 27)

Ainda segundo Jozef, é a mãe, da fantasia de sedução, que se repete em cada indivíduo; essa força se insurge silenciosamente contra o poder do pai. André parece ter não somente os olhos tenebrosos, mas todo o corpo em trevas. Embora fossem palavras de Pedro, o próprio personagem nelas se reconhece e diz que “[eu] era um enfermo, necessitava de cuidados especiais” (NASSAR, 1989, p. 155). Sua enfermidade está relacionada à libido: primeiro a mãe, em seguida Sudanesa, logo após a irmã Ana; por ocasião do seu retorno as outras irmãs o deixam “perturbado pelo turbilhão de afagos”, quando tiram algumas peças de sua roupa antes do banho que antecede sua apresentação à família. Por fim, temos a sedução de Lula, em que André se perde ao ver nos olhos do irmão os olhos de Ana:

ia pensando também em abaixar seus cílios alongados, dizendo-lhe ternamente "dorme, menino"; mas não foi para fechar seus olhos que estendi o braço, correndo logo a mão no seu peito liso: encontrei ali uma pele branda, morna, tinha a textura de um lírio; e meu gesto imponderável perdia aos poucos o comando naquele repouso quente, já resvalava numa pesquisa insólita, levando Lula a interromper bruscamente seu relato, enquanto suas pernas de potro compensavam o silêncio, voltando a mexer desordenadas sob o lençol; subindo a mão, alcancei com o dorso suas faces imberbes, as maçãs do rosto já estavam em febre; nos seus olhos, ousadia e dissimulação se misturavam, ora avançando, ora recuando, como nuns certos olhos antigos, seus olhos eram, sem a menor sombra de dúvida, os primitivos olhos de Ana! (NASSAR, 1989, pp. 181, 182)

⁵ “Todo aquele que se deitar com animal, certamente morrerá.”

⁶ “Quando também um homem se deitar com um animal, certamente morrerá; e matareis o animal.”

André quebra os tabus da sociedade (família). Os tabus são tidos como coisas sagradas, simbólicas, que não podem ser violadas. Sempre foram importantes para a construção simbólica na primitividade e ainda exercem influência nas regras de convívio modernas. O romance é uma história de transgressão, a “hybris” de Fischer (1991). André transgride as leis do pai e do irmão (representante paterno), que muitas vezes o advertiram das paixões perigosas, que deveriam ser evitadas. Essas advertências soam como profecias que haveriam de se cumprir, caso fossem ignoradas:

precavendo-se contra o egoísmo e as paixões perigosas que o acompanham, procurando encontrar a solução para nossos problemas individuais sem criar problemas mais graves para os que eram de nossa estima (NASSAR, 1989, pp. 23,24)

o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas (NASSAR, 1989, p. 56)

é através do recolhimento que escapamos ao perigo das paixões (NASSAR, 1989, p. p. 58).

É na paixão que André se perde e quebra as normas estabelecidas, tanto no âmbito familiar quanto no social. Acaba cometendo incesto com sua irmã Ana. Tal prática é um tabu universal. Andrade e Menezes (2009) comentam que em algumas sociedades quem comete o incesto pode ser penalizado com a mutilação, o ostracismo e até a morte. Tanto na *Bíblia* como no *Alcorão* temos a proibição desse ato:

Vos são interditas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs. (*Alcorão* – Surata IV, 23)

E, quando um homem tomar a sua irmã, filha de seu pai, ou filha de sua mãe, e vir a nudez dela, e ela a sua, torpeza é; portanto serão extirpados aos olhos dos filhos do seu povo; descobriu a nudez de sua irmã, levará sobre si a sua iniquidade. (LEVÍTICO 20.17)

Temos conhecimento de pelo menos quatro histórias de incesto na *Bíblia*: entre Ló e suas duas filhas (Gênesis 19.30-38), entre Abraão e Sara (Gênesis 20) entre enteado e madras-ta (1 CORÍNTIOS 5.1)⁷ e também entre os filhos do rei Davi, Amnom e Tamar (2 SAMUEL 13.1-15). Este último caso de incesto é meio semelhante ao de *Lavoura Arcaica*. Amnom fin-gue estar doente a fim de concretizar seus intentos com sua irmã. André confessa estar enfer-mo, necessitando de cuidados especiais (NASSAR, 1989, p. 155).

⁷ “Geralmente se ouve que há entre vós fornicção, e fornicção tal, que nem ainda entre os gentios se nomeia, como é haver quem abuse da mulher de seu pai.”

E Jonadabe lhe disse: Deita-te na tua cama, e finge-te doente; e, quando o pai te vier visitar, dize-lhe: Peço-te que minha irmã Tamar venha, e me dê de comer pão, e prepare a comida diante dos meus olhos, para que eu a veja e coma da sua mão.
(2 SAMUEL 13. 5)

Podemos perceber nas palavras de André uma disposição para mudanças. Se fosse preciso fazer os trabalhos braçais a fim de prover a subsistência da família, ele não mediria esforços, pois conhece as ciências do campo. Com a recusa de Ana tudo muda. Agora pretende “dar de ombros se um dia a casa tomba”; solta, então, o verbo até mesmo contra Deus, o “promulgador de tábuas insuficientes”, como se ele fosse o culpado da interdição da irmã. Além do mais é nele que Ana se refugia. (capítulo 20). No caso de Amnom não houve recusa, mas um desprezo depois que conseguiu iludir Tamar com sua suposta enfermidade.

Porém ele não quis dar ouvidos à sua voz; antes, sendo mais forte do que ela, a forçou, e se deitou com ela. Depois Amnom sentiu grande aversão por ela, pois maior era o ódio que sentiu por ela do que o amor com que a amara. E disse-lhe Amnom: Levanta-te, e vai-te. (2 SAMUEL 13.14,15)

O filho pródigo de *Lavoura Arcaica* ainda difere da parábola de *Lucas* quanto ao seu retorno. André só voltou porque o irmão Pedro foi buscá-lo; nunca mostrou disposição alguma para retornar, embora tenha dito que “estava sempre voltando para casa”. Não se mostra disposto a estabelecer um diálogo humilde com o pai. Blasfema contra ele. Em *Lucas*, o filho pródigo reconhece seus erros, tem consciência de que ao não atentar às palavras (conselhos) do pai, estaria em primeiro lugar pecando contra Deus e depois contra seu próprio patriarca. Talvez alguém questione que se não houvesse fome onde ele se encontrava, certamente não teria voltado. Esse “talvez” também pode ser aplicado a André, pois sendo Ana a sua fome, quem sabe tenha voltado a fim de saciá-la.

Tanto na *Parábola do Filho Pródigo* quanto no romance há festa por ocasião do retorno das ovelhas perdidas. Naquela a alegria há de permanecer, neste vemos o mundo ruir. O pai mata a filha, trazendo como resultado para a família a tristeza e o pranto.

3.2 Os olhos tenebrosos

Os olhos são, segundo os evangelhos de *Mateus* (6.22,23)⁸ e *Lucas* (11.34)⁹, a candeia do corpo. Se forem bons todo o corpo será luminoso; se forem maus, também todo o corpo será tenebroso. Esses conselhos fazem parte das preleções do pai. Já no início do romance são os olhos que estão em ação: “os olhos no teto” (NASSAR, 1989, p. 9). O pecado da humanidade, conforme o livro de Gênesis começou com o olhar. Os olhos seriam abertos quando o fruto proibido fosse comido. E foi o olhar que levou o homem à queda:

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se **abrirão os vossos olhos**, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E **viu** a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e **agradável aos olhos**, e árvore desejável para dar entendimento. (GÊNESIS 3.4-6, grifo nosso)

André é o oposto do irmão e da mãe, cujos olhos são cheios de luz. Os seus são como “dois caroços repulsivos”; são “olhos enfermiços”; “olhos cheio de amarguras”; “olhos tenebrosos”; “olhos escuros”. São os olhos que aproximam o filho pródigo nassariano do demo. Em seu ensaio sobre Lúcifer, Augusto Meyer comenta sobre o primeiro olhar do anjo caído:

No primeiro olhar de Lúcifer sentiu o Senhor que ele próprio criara um princípio subversivo, ao conceber a sua criatura mais perfeita. No primeiro olhar do Senhor sentiu Lúcifer que acabava de ser criado para ser condenado. (MEYER, 1981, p. 31)

André sente o mesmo, presente o “maktub” do avô; e o sinal que traz na testa, a marca de Caim, ninguém pode apagar. Não há forças no mundo nem esforços que podem mudar sua sina. O personagem reconhece que não tem culpa “deste espinho”, “desta intumescência”; não tem culpa de nada. O adolescente subversivo nasceu para andar nas sombras. Entretanto, nem sempre foi assim. André diz que “era boa a luz doméstica da [sua] infância (NASSAR, 1989, p. 27). Agora, porém, é na escuridão que vive o protagonista, o sombrio quase sempre o rodeia. Sombra e escuro são palavras comuns no romance:

e, numa noite dessas, depois do jantar, quando as sombras já povoarem as cercanias da casa, e a quietude escura tiver tomado conta da varanda (NASSAR, 1989, p. 127)

⁸ “A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”

⁹ “A candeia do corpo é o olho. Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso.”

meu rosto ficou nas sombras, o seu iluminado pela luz das velas (NASSAR, 1989, p. 131)

ou um sopro escuro no porão da memória (NASSAR, 1989, p. 10)

eu estava era escuro por dentro (NASSAR, 1989, p. 16)

e foi talvez, na minha escuridão, um instante de lucidez (NASSAR, 1989, p. 25)

São essas imagens de sombra e escuro que nos levam a considerar André um antítipo do Diabo e assim traçar algumas semelhanças. Considerando a infância de André - cheia de luz - e os primórdios de Lúcifer como anjo de luz, dizemos que os dois têm algo em comum: perderam a luz que os envolviam. Ao comentar sobre a doutrina do influente teólogo João Damasceno acerca do diabo, Russel nos diz:

O livre arbítrio do mal o privou de sua realidade moral; na queda, ele perdeu sua natureza angélica e se tornou uma sombra, uma coisa oca. Sob a influência de João, o Evangelista, Damasceno enfatizou a metáfora de luz e escuridão, com bondade e maldade. A privação da existência e da realidade — maldade — é análoga à privação da luz — sombra e escuridão. (RUSSEL, 2003, p. 35)

Lúcifer para uns, Diabo ou Satanás para outros, é outro ente saído das páginas sagradas que exerce grande influência na Literatura: *Fausto*, *A Divina Comédia*, *Auto da Barca do Inferno*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, etc. Seu nome significa “Portador de luz”, mas perdeu esta qualidade ao se rebelar contra Deus. Conforme a tradição cristã, o livro de *Ezequiel*, capítulo 28, mostra o querubim ungido perdendo sua condição de anjo luminoso. De acordo com algumas tradições populares - principalmente as da Idade Média - ele escolheu o norte, terra de frio e escuridão, e o oeste, terra do pôr-do-sol e morte, como seu abrigo natural. Podemos perceber esta escolha como metáforas para as trevas e as sombras, tarefa que o próprio Deus, no princípio, já se encarregara de estabelecer:

E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro. (GÊNESIS 1.4,5)

As trevas na *Bíblia*, geralmente, estão associadas ao domínio do Diabo. Daí advêm os conceitos estabelecidos no imaginário popular para a cor da noite – preto. Tudo o que se relaciona a esta cor tem o caráter negativo: “a coisa está preta”, “passado negro”, etc. Andar nas trevas é viver longe da luz, que na *Bíblia* representa Cristo e em *Lavoura Arcaica*, o pai.

Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar  em trevas, mas terá a luz da vida. (JOÃO 8.12)

Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim. (ATOS 26.18)

O Diabo é alvo de outra metáfora na *Bíblia*, que mostra o seu domínio sobre as pessoas: o lado esquerdo. A família de André se colocava à mesa de acordo com a idade de cada um. Algo semelhante encontramos em Gênesis, sobre a disposi o dos filhos de Jacó à mesa: “Estavam colocados diante dele, cada qual em seu lugar, do mais velho ao mais novo (GÊNESIS 43.33a)”. O que há, porém, de relevante em *Lavoura Arcaica*   a ordem que se quebra a fim de se estabelecer, como na *Bíblia*, o lado direito e o esquerdo do pai. O patriarca, dono da luz, que é a palavra, cujo símbolo também pertence às páginas sacras - “Lâmpada para os meus p s   tua palavra, e luz para o meu caminho. (SALMOS 119.105)” - tem   sua direita aqueles que trazem luz em si, tiveram um “desenvolvimento espontâneo do tronco”; e   sua esquerda “os que trazem o estigma de uma cicatriz”. Direita e esquerda são lugares que determinam o destino dos homens. Segundo as escrituras, no dia do juízo final os que estiverem à esquerda sofrerão o castigo eterno:

Então dirá também aos que estiverem   sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. (MATEUS 25.41)

Russel afirma que “a esquerda (em latim sinister)   associada com mau gosto e perigoso em muitas culturas.”(RUSSEL, 2003, p. 66) Temos um outro caso na Literatura identificando o lado esquerdo simbolizando uma vida err nea, às margens da sociedade. Um anjo torto do “*Poema de Sete Faces*”, de Drummond, pede ao poeta que seja “gauche” (esquerdo). O mensageiro não é um anjo qualquer, mas um daqueles que “vivem na sombra”. O lado esquerdo sempre foi relacionado ao diabo; e aquele que fosse canhoto era visto como pertencente a ele. Representa também o que é negativo, a inabilidade, a falta de jeito. Ser de esquerda   ser intolerante, rebelde, violento. André, a mãe, Ana e Lula, todos pertencem ao lado esquerdo, todos são os que desencadeiam a desordem, são rebeldes, não têm jeito para lidar com a vontade do pai. Nas palavras de Retamar, ocupando o lado esquerdo, eles pertencem ao “lado da destrui o, do excesso de afetividade, de paixão, de vida” (RETAMAR, 2005, p. 3).

Outro símbolo do Diabo encontrado na *Bíblia Sagrada*   a serpente. A tradi o crist a a considera a personifica o do Diabo. No livro de *Apocalipse* ele é chamado de “a antiga serpente”; e da sua boca saem blasfêmias. A linguagem de André, ambígua, leva Iohána a dizer

que ele blasfemava. Podemos atribuir esta característica à linguagem do Diabo, uma vez que, distorcendo o que Deus havia dito no Éden, conseguiu enganar Eva. Podemos vê-lo novamente em ação - ao usar novamente a “palavra” distorcida – na tentação de Cristo no deserto. André e Ana são os que mais se identificam com o Diabo, ela sendo descrita nos movimentos do corpo; ele descrevendo-se como manipulador da alquimia (ciência oculta também atribuída ao satanismo):

ela roubava de repente o lenço branco do bolso de um dos moços, desfraldando-o com a mão erguida acima da cabeça enquanto **serpenteava** o corpo, ela sabia fazer as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua **a sua peçonha** e logo morder o cacho de uva que pendia em bagos túmidos de saliva enquanto dançava no centro de todos (NASSAR, 1989, p. 189, grifo nosso)

tenho requintes de **alquimista**, sei como alterar o **enxofre** com a **virtude das serpentes**, e, na caldeira, sei como dar à fumaça que sobe da borbulha a frieza da cerração nas madrugadas (NASSAR, 1989, p. 138, grifo nosso)

André, assim, “assume-se como o diabo” – apossando-nos das palavras de Retamar (2005). Ele é “propulsor de mudanças” (NASSAR, 2002, p. 40) ao Deus submisso dos sermões do pai. O Diabo queria estabelecer seu trono acima das estrelas de Deus, assim age André ao assumir-se “como sujeito de si mesmo, como fundador de sua igreja e como dono de suas vontades”. Apossa-se, então das palavras de Cristo ao pronunciar a edificação de sua igreja¹⁰:

eu disse cegado por tanta luz tenho dezessete anos e minha saúde é perfeita **e sobre esta pedra fundarei minha igreja particular**, a igreja para o meu uso, a igreja que freqüentarei de pés descalços e corpo desnudo, despido como vim ao mundo (NASSAR, 1989, p. 89, grifo nosso)

As crises de epilepsia do filho pródigo nassariano também o colocam mais próximo de Satã. A *Epylepsia* era, para os gregos, a doença sagrada; traz, ainda, em sua definição “o mal que vem de fora inesperadamente”. Segundo o *site* da Associação Brasileira de Epilepsia (ABE), para os antigos, era uma divindade ou espírito diabólico. Podemos ver André se antecedendo ao julgamento dos familiares ao saberem de suas crises: “traz o demônio no corpo”. Considera-se epilético, na verdade é um possesso. Os sintomas descritos dificilmente são encontrados na história da epilepsia: cair no chão, ter espasmos e ao mesmo tempo “soltar o verbo”. O jovem André está muito lúcido para dizer tantas coisas a seu irmão e revelar segredos escondidos no cesto de roupas! Ou então está realmente possuído!

¹⁰ “Pois também eu te digo que tu és Pedro, **e sobre esta pedra edificarei a minha igreja**, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. (MATEUS 16.18, grifo nosso)

André e Ana são como “cara e coroa”, dois irmãos que trazem o Diabo no corpo. A identidade de um se completa na do outro. Ana é o “eu” de André. O próprio personagem nos mostra a inseparabilidade dos dois: “entenda que quando falo de mim é o mesmo que estar falando só de você, entenda ainda que nossos dois corpos são habitados desde sempre por uma mesma alma [demo]” (NASSAR, 1989, p. 131). Bem observou Sedlmayer (1997) que no apelido de André, Andrula, temos três componentes que se colocam ao lado esquerdo do pai: André, Ana e Lula – todos pertencendo ao “galho da errância” (SEDLMAYER, 1997, p. 90)

3.3 O tempo Salomônico

Não podemos deixar de tratar do tempo em *Lavoura Arcaica*. É em torno dele que se dá grande parte do romance. O deus por excelência do pai é o *Tempo* (RODRIGUES, 2006, p. 138), que se torna a sua filosofia de vida, sendo, conseqüentemente, uma constante em seus sermões; “é o maior tesouro de que um homem pode dispor”, “não tem começo, não tem fim”. Fischer acrescenta que tudo está relacionado a este tempo infindo, que é subordinado à natureza, da qual foi extraída uma espécie de lei fundante que passa a regular a vida do trabalho e a vida na família (FISCHER, 1991, p. 21). Ziauddin Sardar, citado por Carol Ezzell, nos diz que os muçulmanos “sempre carregam o passado consigo” e também que “no Islã, o tempo é um tapete que incorpora o passado, o presente e o futuro. O passado está sempre presente” (EZZELL, 2007, p. 43). Teixeira ao traçar paralelos entre *Lavoura Arcaica*, a *Bíblia* e o *Alcorão*, nos aponta este como obra fundacional do imaginário místico muçulmano (TEIXEIRA, 2002, p. 57). Não é mera coincidência que na obra nassariana o tempo sempre será lembrado; mesmo nos objetos do presente, que são produtos da obra humana, há um passado que não pode ser esquecido.

onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeiro uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia; existe tempo nas cadeiras onde nos sentamos, nos outros móveis da família, nas paredes da nossa casa, na água que bebemos, na terra que fecunda, na semente que germina, nos frutos que colhemos, no pão em cima da mesa, na massa fértil dos nossos corpos, na luz que nos ilumina, nas coisas que nos passam pela cabeça, no pó que dissemina, assim como em tudo que nos rodeia (NASSAR, 1989, p. 54)

As observações de Salomão sobre o tempo, a sua circularidade, a sua assertiva de que “não há nada novo debaixo do sol” (ECLESIASTES 1.9) é aquilo que percebemos em *Lavou-*

ra Arcaica. São tantas páginas que se repetem, cenas em que a única coisa que se modifica é o tempo do verbo, fato bem observado por Perrone-Moisés. A autora ainda nos mostra que o tempo cíclico só é desfeito nas últimas páginas do romance, assumindo a partir daí o caráter linear e irrecuperável (PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 65). Contudo, se dermos crédito às palavras de Salomão, é bem provável que em outras gerações os fatos narrados voltem a ocorrer, basta lembrarmos de que Lula já manifesta o desejo de ser outro filho fujão. Perguntemos com Salomão: “há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós (ECLESIASTES 1.10).

Fischer nos assegura que, em *Lavoura Arcaica*, o “tempo religioso se opõe ao tempo capitalista, sendo anterior a este na sequência da história ocidental” (FISCHER, 1991, p. 21). Percebemos isso com o pai discorrendo sobre o tipo de riqueza que se espera: “rico não é o homem que coleciona e se pesa no amontoado de moedas, e nem aquele, devasso, que se estende, mãos e braços, em terras largas; rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo (NASSAR, 1989, p. 54). No livro de *Eclesiastes* temos um belo poema sobre o tempo, que é de onde Iohána se nutre e tira a força de seus sermões:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz. (ECLESIASTES 3.1-8)

Esse é o tempo com o qual o personagem André não consegue conviver, pois sugere espera – e paciência é aquilo que ele menos tem. Mesmo assim, há momentos em que o impaciente personagem sabe lidar com essa virtude, principalmente quando relacionados à Ana. As belas imagens construídas para nos falar do aprendizado da paciência na infância são as mesmas usadas para nos mostrar a captura da “pomba ressabiada e arisca”:

era uma ciência de menino, mas era uma ciência complicada, nenhum grão de mais, nenhum instante de menos, para que a ave não encontrasse o desânimo na carência nem na fartura, existia a medida sagaz, precisa, capaz de reter a pomba confiante no centro da armadilha; numa das mãos um coração em chamas, na outra a linha destra que haveria de retesar-se com geometria, riscando um traço súbito na areia que antes encobria o cálculo e a indústria; nenhum arroubo, nenhum solavanco na hora de puxar a linha, nenhum instante de mais no peso do braço tenso. (NASSAR, 1989, pp. 100-101)

O livro de *Cantares* parece-nos ter sido introduzido no capítulo 17 de *Lavoura Arcaica*, pois apresenta muitas semelhanças, tais como: o campo como ambiente onde se desenrola a história; animais e frutas usados na construção das figuras de linguagem (pomba, uvas, romãs). Acrescente-se a isso o que bem observou Sedlmayer, “*Cantares*, como *Lavoura Arcaica* é um livro que mescla o lirismo e o drama para encenar o canto nupcial, momento em que o encontro amoroso é festejado entre óleos, alabastros e mel.” (SEDLMAYER, 1997, p. 53).

Em *cantares* temos Salomão e Sulamita, que muito se parecem com os irmãos incestuosos da obra de Nassar. Embora Ana não tenha voz, podemos considerar a sua mudez como o não estar preparada para receber o amor, falta o tempo para amadurecer. Sulamita, por quatro vezes, salienta que seu amor não deve ser despertado, até que ela queira. Em outras palavras, ainda não é chegado o tempo certo. Embora seja conhecedor de que “há um tempo para todo o propósito debaixo do céu”, Salomão, aparece, em *Cantares*, dizendo:

Levanta-te, meu amor, formosa minha, e vem. Porque eis que passou o inverno; a chuva cessou, e se foi; aparecem as flores na terra, o tempo de cantar chega, e a voz da rola ouve-se em nossa terra. A figueira já deu os seus figos verdes, e as vides em flor exalam o seu aroma; levanta-te, meu amor, formosa minha, e vem. (CANTARES 2.10-13)

Eis aqui o tempo sendo descrito: a passagem do inverno e das chuvas, o aparecimento das flores e do canto das rolas, a frutificação da figueira e a floração das vides. Tudo isso representa a passagem do tempo natural, o “tempo determinado” para tudo de *Eclesiastes*. Nesta cena, Salomão parece ansioso para ter a amada perto de si. Não há mais tempo para a espera. Em outra situação, a impaciência de Salomão também é acentuada:

O meu amado pôs a sua mão pela fresta da porta, e o meu coração estremeceu por amor dele. Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos *gotejavam* mirra sobre as aldravas da fechadura. **Eu abri ao meu amado, mas já o meu amado tinha se retirado, e tinha ido**; a minha alma desfaleceu quando ele falou; busquei-o e não o achei, chamei-o e não me respondeu. (CANTARES 5.4-6, grifo nosso)

O impaciente André, porém, aprendeu a conhecer o tempo de amores da irmã desejada. A sua “ciência de menino” contribuiu para puxar a linha no momento exato e assim capturar a pomba arisca. E foi no tempo de perdas que aprendeu também a reconhecer o valor das palavras do pai, cujo teor muito se assemelha ao tempo cíclico de Salomão, que há de perder de geração em geração:

Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras: "e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, **e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis** (NASSAR, 1989, p. 195, grifo nosso)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens bíblicas que trabalhamos em *Lavoura Arcaica* não foram esgotadas. Há muitas palavras e expressões que deixamos de lado, mas que carregam em si uma forte conexão com o mundo religioso, basta lembrarmos de “galardão”, “pranto e ranger de dentes”, “pedra de tropeço”, etc. Deixamos de lado a Parábola do Semeador porque consideramos que Raduan Nassar assumiu a tarefa de semear nas páginas de sua obra as sementes da *Bíblia*. Colocou na boca do pai de André as palavras do Pai da Eternidade. Usou para isso todo o seu talento com as palavras. O próprio autor revela aos *Cadernos de Literatura Brasileira* (1996) que trabalhou um pouco, com sons, grafias, sintaxes, pontuação ritmo, etc. Diz ainda que se violentou a semântica de algumas palavras, por outro lado trabalhou também com aquelas coordenadas em função dos significados.

Nassar conseguiu mostrar como o “filho tresmalhado” de sua obra muito se assemelha ao filho pródigo de *Lucas*. Contudo soube trabalhar muito bem as diferenças, pois senão seria apenas mais uma reprodução da parábola bíblica. As suas leituras da *Bíblia* e do *Alcorão* foram de grande utilidade na composição do romance. Poesia, sermões e vaticínios são comuns às duas obras.

Os olhos como candeia do corpo constituem a primeira referência bíblica do romance. Porque os olhos de André não são bons, todo o seu corpo está em trevas. E isso significa estar sob o domínio do Diabo. O filho pródigo nassariano não é nada mais do que “um possesso”, como o próprio personagem diz. Estar possuído pelo “demo” significa não ter domínio sobre a própria vontade: “desprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos” (2 TIMÓTEO 2.26). André, o personagem, usa o tempo, o “maktub” do avô para justificar que não tem domínio sobre o seu destino. Se está escrito – não importa o desejo, a tentativa ou a fuga de casa – nada pode mudar o que está determinado.

O tempo religioso de Salomão serviu muito bem para construir o romance. Divide-se este em tempo natural, aquele em que o homem não pode interferir, e o tempo humano, em que as ações do indivíduo é que determinam o resultado. Nassar entrou na seara de Salomão para recolher o “tempo determinado para todo o propósito debaixo do céu”. Quase tudo foi aproveitado. O tempo de plantar foi trabalhado não somente na descrição das atividades laborais na fazenda, mas também na semeadura das palavras do pai. O tempo de dançar é representado nas festas familiares. Os tempos de chorar e afastar-se de abraçar aparecem na fuga do “filho rebelde”, pois trouxe tristeza e dor para a família. O tempo de estar calado é assumido pelas figuras femininas que, tal como na *Bíblia*, dificilmente têm voz. O tempo de falar é o

predominante no romance; temos num primeiro momento o narrador que nos conta sua história, depois é o personagem que aparece reproduzindo o verbo paterno. O tempo de matar aparece no assassinato de Ana, que conseqüentemente é o mesmo tempo de morrer. O tempo de curar se dá quando o narrador reconhece a utilidade das palavras do pai. Perguntemos com Oliveira (2009): “André não carregaria dentro de si a palavra paterna? O André narrador não estaria buscando o seu contrário ao se denominar o “guardião zeloso das coisas da família?”. Quando no último capítulo o narrador reproduz as palavras do pai, temos a prova de que aquilo que o pai dizia não era tão ruim assim. A partir daí o narrador passa a ser um reproduzidor dos sermões ouvidos no seio familiar.

As palavras semeadas em *Lavoura Arcaica* estão cheias de ambigüidades. Nunca teremos certeza de nada. Será que o personagem André ao revelar seus segredos a Pedro estaria falando a verdade? Como bem sabemos o uso do álcool pode afetar o raciocínio. De um lado temos André, que havia bebido bastante; e de outro, Pedro, que também começara a beber enquanto ouvia as revelações do irmão. O estrago foi feito. André gosta das ambigüidades: “misturo coisas quando falo, não desconheço esses desvios” (NASSAR, 1989, p.165), consegue vê-las nos sermões do pai: “era ele descuidado num desvio” (NASSAR, 1989, p. 43), e as usa ao desabafar com o irmão. Já Pedro, como bom discípulo do pai, leva tudo ao “pé da letra” e revela ao patriarca a “confissão” de André, fato que resulta na tragédia, que é o assassinato de Ana e a morte do pai durante a “Páscoa” de André. Aproveitando o significado da palavra, que é “passagem”, podemos ver que é a partir daí que se começa a processar a mudança em André. É a passagem do mundo das sombras ao mundo da luz.

O pai, Iohána, como representante da lei, “o promulgador de tábuas insuficientes”, é a personificação de Deus, que numa leitura mais atenta poderemos ver nesta relação uma postura crítica de Raduan Nassar quanto às regras de condutas cristãs. O pai enquanto vivo é a interdição aos desejos da carne; se morto, é a liberdade. O mesmo se dá com a religião. Sem ela não há regras, que conforme o personagem André “são a lenha resinosa que alimenta a constância do inferno” (NASSAR, 1989, p. 140). Nassar, para mostrar isso, usa a morte de Iohána para simbolizar que nem mesmo Deus é tão perfeito em suas leis, pois se determina que é proibido matar, que o homem não pode alimentar a ira, como pode então, o Ser Supremo violar suas próprias regras? Se viola aquilo que tanto zela, é justo que se aniquile, só assim é que outros aceitarão a validade de seus argumentos. Quanto tempo se passou para que André reconhecesse o valor das palavras do pai nós não sabemos. Podemos dizer que foi o tempo suficiente para curar as feridas e ver o pai, não como um carrasco, mas como alguém que só queria a união da família.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ANDRADE, Ivanise. Aniversário do ECA reacende debate sobre redução da maioria, 2008. Disponível em: <www.redeandibrasil.org.br/eca/biblioteca/materiais-de-referencia/aniversario-do-eca-reacende-debate-sobre-reducao-da-maioridade/>. Acesso em: 10 maio 2010.

ANDRADE, Carla Vanessa Santos & MENEZES, Cristiane da Costa. *Lavoura Arcaica: Tradição, Desejo e Religião*. Revista Fórum Identidades, Ano 3, Vol. 5, 2009. Disponível em: <www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_5/SESSAO_L_FORUM5_04.pdf>. Acesso em: 27 março 2010.

AS MIL E UMAS NOITES. Trad. De Emílio Campos Lima. Coleção “Livros de bolso Europa-América”. Mem Martins: Europa-América, [198-?] Vol. 3.

BÍBLIA de estudos Plenitude, revista e corrigida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BÍBLIA online. Disponível em: <www.chamada.com.br/biblia/index.php>. Acesso em: maio e junho 2010.

BÍBLIA de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, 5ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2002.

BRASIL. Constituição, 1988.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.

BUCKLAND, Augustus Robert. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo: Editora Vida, 1993.

CADERNOS de Literatura Brasileira: Raduan Nassar, n. 2, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, 1996.

CECCAGNO, Douglas. *Lavoura Arcaica* e suas oposições simbólicas. *Letrônica*, v. 2, n. 1. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/5096/4042>>. Acesso em: 6 julho 2010.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*, 2. Ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1991.

EZZELL, Carol. Tempo e Cultura. In: *Scientific American – Paradoxos do Tempo*. Edição Especial n. 21. São Paulo: Duetto, 2007

FERNANDES, Evelyn Amado. O dionisíaco e o apolíneo em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. Cadernos FAPA-N. Especial VI Fórum FAPA, 2007. Disponível em: <www1.fapa.com.br/cadernosfapa/artigos/edicaoSPforum07/artigo8.pdf>. Acesso em: 6 julho 2010.

FISCHER, Luís Augusto. *Lavoura Arcaica* foi ontem. In: *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Literatura Brasileira de 70 a 90*, Porto Alegre, n. 17, 1991, p. 14-26.

FREITAS, Luana Ferreira. Ecos bíblicos em *Lavoura Arcaica*. *Revista Eutomia*. Ano I – Nº 01, 2008. Disponível em: <www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano1-Volume1/literatura-artigosLuana-Ferreira-de-Freitas-UFSC.pdf>. Acesso em: 27 março 2010.

GAMAL, Haron Jacob. O concerto desconcertante de Raduan Nassar: Leitura de *Lavoura Arcaica*, 2007. Disponível em: <www.forumlitbras.letras.ufrj.br/ensaioraduannassar.pdf>. Acesso em: 6 julho 2010.

JOZEF, Ruth Rissin. O Universo Primitivo de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. 1992. Disponível em: <www.rio4.org.br/v2/artigos/o_universo_primitivo_de_lavoura_arcaica.pdf>. Acesso em 6 julho 2010.

LOTITO, Denise Padilha. Estilo, metáforas, amor e sexo em *Lavoura Arcaica*. *Estudos Linguísticos XXXVI*(3). Disponível em: <www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/revista20062_3.htm>. Acesso em: 4 maio 2010

LOWE, Elizabeth. Entrevista com Murilo Rubião, 2004. Disponível em: <www.mondoweb.com.br/murilorubiao/teste05/entrevista.aspx>. Acesso em: 14 abril 2010.

MCDOWELL, Josh. *Evidências históricas da fé Cristã*, 2. Ed. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1992.

MÉNARD, René. *Mitologia Greco-Romana*. Vol. 3. São Paulo: Opus, 1997.

MENEZES, Leonardo. *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar: continuidade e ruptura no ambiente de produção literária dos anos Setenta. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Têxtil, Interações, Convergências, 2008. Disponível em: <www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/045/LEONARDO_MENEZES.pdf>. Acesso em 27 março 2010.

MEYER, Augusto. *A forma secreta*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1981

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 3. Ed, rev. pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

OLIVEIRA, Ane Costa de. *O guardião zeloso das coisas da família (A narração entre parênteses)*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Da cólera ao silêncio. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*: Raduan Nassar, Rio de Janeiro, n. 2, Instituto Moreira Salles, 1996, pp. 61-77)

PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. Do corpo-sentidos-infância na constituição do trágico em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. X Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2007. Disponível em: <www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Maria_do_Carmo_Morales_Pinheiro.pdf>. Acesso em: 4 maio 2010.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 31 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

RETAMAR, Hugo J. C. Os olhos e o verbo em *Lavoura Arcaica*. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Vol. 01 N. 01, 2005. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/4842/2761>. Acesso em: 6 julho 2010.

RODRIGUES, André Luís. Ritos da paixão em *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

RIBEIRO, João. Nota sobre Menino de Engenho. In: *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982. pp. xxix-xxxii

RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer – O diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras Editora Ltda., 2003.

SEDLMAYER, Sabrina. *Ao lado esquerdo do pai*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

TEIXEIRA, Renata Pimentel. *Uma Lavoura de insuspeitos frutos*. São Paulo: Annablume, 2002.

VIEIRA, Miguel Heitor Braga. O percurso inicial da revolta em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, Vol. 11, 2007. Disponível em: <www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol11/11_10.pdf>. Acesso em: 10 abril 2010.